

FRAGMENTOS DO DISCURSO QUADRINIZADO: UMA LEITURA CRÍTICA DA PERSONAGEM MÔNICA

FRAGMENTS OF STRIP CARTOON DISCOURSE: A CRITICAL READING OF THE CHARACTER MONICA

Marcília Luzia Gomes da Costa **Mendes**¹

Resumo

As histórias em quadrinhos, nas últimas décadas, têm se multiplicado de forma surpreendente. Como sistema de comunicação universal, surgem, a princípio, com o caráter de divertimento que atinge, principalmente, o público infanto-juvenil. Mas, através dessa natureza de entretenimento, molda-se uma concepção ideológica que o autor das histórias em quadrinhos perpassa sutilmente através das suas personagens e dos enredos dessas histórias. A partir da leitura das histórias em quadrinhos da série Mônica, efetiva-se a análise de discurso de Mônica para comprovar como a produção/construção do discurso quadrinizado está fundamentada por uma concepção ideológica burguesa. Verifica-se também como é elaborada a leitura sobre Mônica num grupo de 20 crianças, 10 de escola pública e outras 10, de escola particular do Município de João Pessoa, Paraíba. Dentre os resultados, evidencia-se que as histórias em quadrinhos da série Mônica não trazem colaboração substancial para o desmascaramento de estereótipos e erradicação de preconceitos. Na avaliação da leitura das crianças, verifica-se a tendência de reprodução ao que está dito. As crianças assimilam, por meio da leitura, a ideologia repassada nas histórias em quadrinhos da Mônica. Assim, conclui-se que os quadrinhos figuram como poderosos instrumentos educativos nas mãos de professores, bibliotecários, comunicólogos, artistas e educadores preocupados com a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS LITERATURA INFANTO-JUVENIL MÔNICA

As histórias em quadrinhos, nas últimas décadas, têm se multiplicado de forma surpreendente. Como um sistema de comunicação universal, elas surgem, a princípio, com o caráter de divertimento que atinge, principalmente o público infanto-juvenil. Mas, através deste caráter de divertimento, se molda toda uma concepção ideológica que o autor das histórias em quadrinhos perpassa sutilmente, através dos seus personagens e dos enredos dessas histórias.

Para realizar este empreendimento de pesquisa das histórias em quadrinhos elegemos a personagem *Mônica*². É nosso objetivo analisar a personagem numa perspectiva ideológica, explicitando como é trabalhada a construção dessa personagem e como o seu discurso é permeado por uma concepção ideológica burguesa.

¹ Mestre em Biblioteconomia

² Estabelecemos a seguinte convenção: *Mônica* (grafada em itálico) representa a personagem e **Mônica** (grafada em negrito) representa a série, revistas.

Na análise das histórias em quadrinhos da série **Mônica** utilizamos os recursos da análise de discurso que se constitui numa região teórica dos estudos lingüísticos. A opção da análise de discurso para o confronto com o texto é consequência das capacidades de apreensão não apenas dos processos verbais, mas principalmente dos sociais, históricos, políticos e ideológicos que os discursos estão fundamentados ou trazem em seu bojo.

Colocados na trajetória da cultura pós-moderna não podemos negar que boa parte das nossas vidas esteve entremeada por um dos mais fustigantes veículos da produção seriada de mensagens: as histórias em quadrinhos. E no momento em que as tomamos como objeto para este exercício especulativo, talvez estejamos realizando um daqueles saborosos reencontros com a infância, quando nos deliciávamos percorrendo atentamente as estrepolias dos nossos heróis de papel. Esse reencontro, contudo, mantém um outro nível de relação, apreender a dimensão mais profunda das mensagens quadrinizadas. Agora, os nossos olhos não são tão inocentes, mas nem por isso menos apaixonados.

As histórias em quadrinhos da série **Mônica** destinam-se principalmente ao público infante-juvenil, ou seja, voltam-se para a faixa etária (7 aos 12 anos) onde os indivíduos estão em fase de formação da mentalidade. Tendo em vista essa realidade e baseados na influência que os quadrinhos exercem nesse público, realizamos a análise de discurso da **Mônica** para investigar se a produção/construção do discurso quadrinado está ou não fundamentada por uma concepção ideológica burguesa.

Buscando ainda uma maior compreensão da relação entre informação, ideologia e histórias em quadrinhos, verificamos também como é elaborada a leitura sobre **Mônica** em um grupo de crianças na faixa etária dos 7 aos 12 anos (*a priori* leitores de **Mônica**).

O problema do estudo pode ser equacionado nos seguintes termos:

- a) que tipos de concepções ideológicas estruturam/possibilitam o discurso quadrinado da personagem *Mônica*?
- b) como se estabelece a leitura sobre a personagem *Mônica* no público infante-juvenil entrevistado?

SURGIMENTO DA MÔNICA

Maurício de Sousa criou *Mônica* em 1963, buscando personagens femininas para participarem das histórias dos meninos que já haviam sido criados (*Franjinha, Cebolinha, Titi, Jeremias*). Nasceu *Mônica*, baixinha, brabinha, dentuça, sempre acompanhada de seu coelho *Sansão*. A personagem surge em um contexto de emancipação da mulher em todos os níveis, e a atuação de *Mônica* reflete um pouco a transformação feminina ocorrida. A mulher passa a ser mais independente, menos submissa e mais dona dos seus atos.

Mônica supostamente tem 7 anos mas, apesar de ser uma personagem criança, assume por vezes comportamentos, crises e neuroses adultos. Dessa forma, assemelha-se às personagens de Charles Schulz (*Charlie Brown, Minduim* etc.) Difere bastante da personagem *Mafalda*, de Quino, pois esta personagem é extremamente politizada, chegando a dar aulas de sociologia a seus pais. *Mônica* não demonstra qualquer tipo de engajamento político.

ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA MÔNICA

Mônica é uma personagem totalmente urbana, ficando suas histórias geralmente restritas à cidade. Apesar dessa constatação, verificamos um quadrinho atípico, onde não existe nem demarcação territorial, nem uma determinada nacionalidade.

Cirne (1982), analisando a obra de Maurício de Sousa, o critica severamente, afirmando que o quadrinista brasileiro produz uma reduplicação ideológica dos *comics* infantis estrangeiros e uma universalidade que se estende pelos enredos e blocos temáticos de suas histórias. Suas personagens pertencem a uma classe média que não possui características nacionais, brasileiras ou não. Por mais paradoxal que pareça, apesar de morar na zona urbana, possuir idade suficiente para frequentar a escola e pertencer a uma família de classe média, *Mônica* e nenhum membro da turma urbana estuda. Quem frequenta a escola é *Chico Bento* (personagem rural), apesar das dificuldades do campo. A presença de *Chico Bento* na escola é mais para reforçar a ignorância do *matuto* do que para demonstrar a importância da educação, visando uma possível ascensão social.

Efetuada a nossa leitura sobre as histórias em quadrinhos da **Mônica**, remetemos a leitura das histórias em quadrinhos (HQ) da série realizada pelas crianças, para verificar como estas histórias são percebidas ou chegam ao grupo entrevistado, bem como para que o trabalho não retrate apenas o nosso discurso, mas avance através da pesquisa de campo e demonstre como as crianças por meio da leitura da **Mônica**, reproduzem a ideologia presente na narrativa.

Para este nosso exercício especulativo, tomamos apenas um dos vários eixos temáticos selecionados durante a entrevista. Elegemos para a análise, a relação *Mônica*-estudo. Dos sujeitos da Escola Pública, 63,6% declararam que *Mônica* estuda e da Escola Privada 60%. Observamos que a grande maioria dos entrevistados, tanto da Escola Pública quanto da Escola Privada, defenderam que a personagem estuda, pois talvez associam a esperteza e o fato da personagem sempre vencer, à educação que ela recebe. Estes sujeitos não conseguem vislumbrar que uma criança supostamente pertencente a classe média e em idade escolar (como é o caso de *Mônica*) possa estar fora da escola.

Mediante as respostas dadas podemos supor que para estes sujeitos a criança só pode aprender a ler e a escrever no interior da sala de aula, pois a Escola, ainda é o local instituído socialmente para aquisição de conhecimentos. Para demonstrar como estes sujeitos não conseguem assimilar o fato de *Mônica* não estudar, transcrevemos parcialmente uma das respostas dadas a questão:

“eu nunca vi historinhas que Mônica estudava, eu a vi brincando. Mas ela tem que estudar. Todo mundo tem o direito de estudar, então por que não ela, não teria o direito de estudar? E no caso do Mauricio de Sousa, ela interpreta a filha dele. Então eu tenho a certeza de que sua filha estudaria. Então para interpretá-la ela teria que estudar”. (Sujeito da pesquisa-12 anos-6 série).

A interpretação do sujeito entrevistado é bastante pertinente, pois se a personagem é inspirada em uma de suas filhas, Maurício de Sousa, pai, não iria manter sua filha fora da escola. Observamos uma certa confusão deste sujeito entre os limites da ficção e da realidade. Pois se *Mônica* filha estudou ou estuda, não acontece o mesmo com a personagem. Para este leitor, em certos momentos das histórias em quadrinhos da **Mônica**, ficção e realidade se confundem. Como *Mônica* que é inspirada na filha do autor pode permanecer fora da Escola?

Em entrevista, quando indagado se tem alguma preocupação didática, Sousa (1997, p.8) responde: *“não no sentido clássico da palavra. Mas no sentido de informar e preparar, sim. Acho que nós todos devemos e podemos estar sempre informados e, ao mesmo tempo, passando uma carga de humanidade para todo mundo”*.

Mediante as análises das histórias em quadrinhos da **Mônica**, sabemos que a nossa protagonista atualmente não estuda, mesmo contrariando as leis educacionais vigentes, então como se dá o seu processo educacional? Com os seus pais? Já que seus amigos urbanos também

não estudam, acreditamos que *Mônica* deve receber orientação educacional dos adultos (mas será?). Defendemos que *Mônica* deveria estudar, não só para aprender a ler, escrever ou adquirir informações, mas, também para se relacionar com outras crianças, aprender princípios de disciplina, respeito, e principalmente para trocar experiências de vida com outras crianças, além das que fazem parte da sua turma. Nesse sentido a escola funcionaria como instituição mediadora objetivando uma mudança qualitativa no desempenho da nossa personagem.

Como falamos anteriormente, *Mônica* até agora não frequenta a Escola, mas Mauricio de Sousa, planeja para este ano, a inclusão de *Mônica* na Escola. Observamos que *Mônica* deverá frequentar a Escola devido a pressões mercadológicas, pois Mauricio de Sousa assinou contrato com a rede Globo de televisão e a ênfase maior dos programas com a turma da **Mônica** será na educação. Portanto, *Mônica* a partir desse ano deverá frequentar a Escola.

Estamos ansiosa para conhecer esta nova fase da personagem. Mas, algumas perguntas ainda permanecem sem respostas. Qual será o interesse dos produtores da **Mônica** em manter a turma urbana fora da Escola? Qual será o modelo de escola para *Mônica*? Que contribuições a Escola poderia oferecer a essas personagens? Qual será o comportamento dessas personagens dentro de uma sala de aula? A respeito destas questões, encerramos nossas análises (a minha e a das crianças) na esperança de que os quadrinhos e principalmente as HQ da **Mônica**, possam ser poderosos instrumentos educativos nas mãos de quem os use, como os use, para que os use e para quem.

CONCLUSÕES

Atualmente os quadrinhos ocupam lugar de destaque nas análises sobre a indústria cultural e sobre os meios de comunicação de massa. As HQ representam um convite a mais para o pesquisador interessado em desvendar os efeitos pedagógicos, psicológicos e principalmente ideológicos dos quadrinhos, consciente que realmente não *existem quadrinhos inocentes* e que através da construção das personagens (a maioria delas estereotipadas) e dos enredos das histórias, os autores perpassam para nós leitores uma visão de mundo e uma realidade estranha a nossa. No caso específico de *Mônica* ocorre uma verdadeira apologia a *pedagogia do imobilismo* representada por enredos repetitivos, vitórias constantes da protagonista, derrotas frequentes dos meninos, o não crescimento das crianças, a ausência de conflitos e crises familiares.

A concepção ideológica transmitida pelas histórias em quadrinhos da série **Mônica** é uma concepção de ideologia burguesa, da classe economicamente dominante. Valores, gostos, atitudes, comportamentos e crenças desta classe são *sutilmente* repassados através dos enredos das histórias. Para esclarecer ainda mais esta questão, iremos enumerar alguns pontos que são omitidos ou que não são devidamente explorados nos quadrinhos da **Mônica**:

- Praticamente, não surge nas histórias em quadrinhos da **Mônica** o trabalhador assalariado, assim como não fica clara, exatamente a ocupação do pai das crianças;
- Há quase que total ausência de personagens negras nas histórias da **Mônica**;
- Todas as mães nas histórias em quadrinhos da **Mônica** não trabalham fora, apenas desempenham tarefas domésticas;
- As histórias sustentam-se, em grande maioria, em estereótipos sociais. É o caso, principalmente, das personagens femininas;
- *Mônica* e nenhuma outra personagem da zona urbana estuda;
- No universo infantil da personagem, não é dada real importância a ingerência dos adultos. Eles desempenham papel secundário;
- Nas histórias em quadrinhos da **Mônica** predominam personagens da classe média. Assim, os valores difundidos nas HQ dessa personagem são os vinculados à classe média.

Em nossas análises sobre os conteúdos ideológicos das histórias em quadrinhos dessa série percebemos que, se de um lado, eles se estruturam, se sustentam e funcionam comunicativamente devido a estrutura da série narrativa, do outro contribuem para determinar a estrutura que os revela; “*como uma estrutura circular, estática, veículo de uma mensagem pedagógica substancialmente imobilista*”. (Eco, 1987, p. 271).

Após a explicitação de alguns dos problemas detectados quando na análise das histórias, concluímos que as histórias em quadrinhos da **Mônica**, não trazem colaboração substancial para o desmascaramento de estereótipos e à erradicação de preconceitos. Muito pelo contrário, “*buscam neles a sua sustentação temática, corroborando a visão de mundo dominante na sociedade e fazendo, ao mesmo tempo, a sua apologia*”. (Vergueiro, 1985, p. 158).

Já na avaliação da leitura das crianças verificamos que a tendência é de reprodução ao que está *dito* no discurso quadrinizado da personagem. É como se ao lerem as histórias, as crianças assimilassem por meio da leitura a ideologia que é repassada nas HQ da **Mônica**.

Ao final, apreendida a dimensão ideológica de *Mônica*, se faz necessário frisar que a problemática das histórias em quadrinhos é um leque aberto em vias de descobertas e que só a pesquisa nos salvará do conhecimento epidérmico da personagem: nuances, ideologias, influências político-econômico-sócio-culturais.

Abstract

In the last decades, strip cartoons have multiplied to a surprising degree. With the system of universal communication, they appear initially as entertainment principally for the child-youth public. However, by means of this type of entertainment, an ideological conception is created which the author of the strip cartoons subtly transmits through his characters and the plots of his stories. Based on a reading of the Monica series of strip cartoons, we analysed Monica's discourse to prove how the production/construction of the strip cartoon discourse is based on a bourgeois ideology. We also verified how the reading of Monica is elaborated by a group of 20 children, 10 from public schools and 10 from private schools in the Municipality of João Pessoa in the State of Paraíba. Among the results, there is evidence that the Monica series of strip cartoons do not collaborate substantially in uncovering stereotypes and in eradicating prejudices. In the evaluation of the children's reading, we verify a tendency to reproduce what is said. The children assimilate through reading the ideology transmitted in the Monica strip cartoons. Thus, we conclude that cartoon characters function as powerful educational instruments in the hands of teachers, librarians, communicators, artists and educators concerned with improving the quality of the teaching-learning process.

Keywords

STRIP CARTOONS
CHILDREN'S LITERATURE
MONICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAINES, Lawrence. The future of the written word. In: SIMONS, J. S, BAINES, L. *Language study in middle school, high school and beyond*. U.S.A: Newark, Delaware, 1998, p. 190-214.
- CIRNE, Moacy. *Uma introdução política aos quadrinhos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 117p.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1987. 386p.

- FREEMAN, Matt. The case for comics. *News of the profession*, New York, v.15, n.3, dec.1997/jan.1998.
- SOUSA, Maurício. Fábulas contemporâneas. *Jornal do Psicólogo*, Belo Horizonte, abr./maio 1997. Entrevista, p.8
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Histórias em quadrinhos*: seu papel na indústria de comunicação de massa. São Paulo: Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Artes, 1985. 184p. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação).